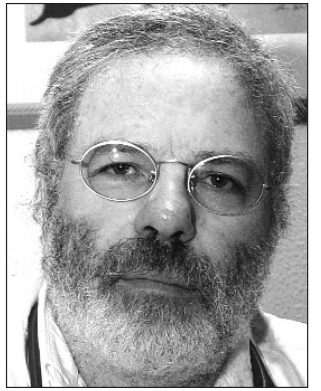


Tudo estava a correr bem até que me apercebi que tinha uma corda ao pescoço. Nem imaginam a aflição que senti. Não só fiquei com a sensação de que iria morrer afogado como senti que, lá fora, obstetra e enfermeiras começavam a ficar preocupadas, porque o meu coração começava a falhar. Contudo, felizmente, tudo não passou de um pesadelo e acabei por nascer, com o cordão umbilical ao pescoço, mas a gritar de alegria.

Gestação e nascimento



■ MANUEL PEDRO FREITAS *

Sou o José António, mas tratam-me por Zezinho, o que não é para admirar, pois só tenho 14 meses. Nasci na Maternidade do CHF, no dia 25 de Dezembro de 2001, duas semanas antes da data prevista.

Há umas semanas, numa ocasião em que a minha mãe já estava farta da minha rabujisse ou tinha mais coisas para fazer do que me aturar, fui despachado para uma sessão contínua em frente da televisão, onde a verdade seja dita, apesar de não ser recomendado, para uma criança da minha idade, me deliro com a publicidade. Quando a minha mãe se afastou, ao explorar o ambiente que me rodeava, descobri e deitei a mão a um livro que estava ali, mesmo à mão de semear, não sem antes apanhar um grande susto. Nas manobras que fui obrigado a fazer, e não foram poucas, para apanhar o livro, por pouco não caiu sobre mim um candeeiro que era maior e mais pesado do que eu!

Era um lindo livro, aquele que consegui apanhar. A capa tinha muitas flores. Já o tinha visto, por várias vezes, nas mãos da Maria. A Maria é a minha irmã. Tem 13 anos e vi-a vezes sem conta agarrada a este livro, o que me despertou grande curiosidade.

Naquele dia, fiquei muito contente quando o vi e não resisti à tentação de o folhear. Contudo, ainda sou pequenino e não tenho muita destreza para passar as folhas uma a uma e, por isso, a maior parte delas rasgou-se ou então foi parar ao meu estômago, pois tenho um terrível hábito de não só deitar a mão e estragar tudo quanto mexe como também meter toda a porcaria na boca.

Ao terminar o meu trabalhinho, o chão parecia as ruas do Funchal, logo depois da passagem do Carnaval trapalhão, tantos eram os papéis. Foi uma autêntica festa.

O problema foi quando a minha irmã chegou da escola e viu o resultado daquilo que em tempos tinha sido o seu livro. A minha sorte foi ser pequenino, senão nem sei o que me aconteceria. Nunca a vi tão zangada, não só comigo como com a nossa mãe. Afinal de contas, foi ela que me deixou ali sozinho.

Só nesta altura é que fiquei a saber que aquele livro era o meu diário, onde escrevia a sua vida, o nome dos seus namorados, etc., etc...

Fiquei muito triste por aquilo que tinha feito, mas já não havia remédio. Paciência. Contudo, em consequência deste episódio, também decidi fazer um diário, o meu diário, e ocupar, assim, as longas horas em que fico esquecido em

frente da televisão ou noutra local, enquanto os adultos tratam das suas coisas. Só espero é que nenhum "puto" faça ao meu diário aquilo que fiz ao da minha irmã.

Como não sei escrever nem ler, para o fazer encarreguei o meu pediatra. Ainda que não morra de amores por ele, o que pode ser comprovado pelo berreiro que faço, quando a minha mãe me leva ao seu consultório, achei que seria a pessoa ideal para o fazer. Afinal de contas, ele conhece-me bem e parece-me de confiança para guardar, a sete chaves, algumas confidências, que nem aos meus pais posso contar.

A propósito, o meu pai tem 42 anos e a minha mãe 38 e, nos seus planos, até eu nascer, só havia lugar para uma filha.

A minha concepção começou por ser uma espécie de acidente de percurso. Quando já ninguém esperava, eis que surjo eu para desestabilizar a "ordem doméstica" então estabelecida.

Depois da confusão inicial, das interrogações relativamente ao que tinha acontecido para que este intruso tivesse surgido nas suas vidas, os meus pais decidem aceitar-me, como mais um filho.

Que alívio! Ainda cheguei a pensar o pior!

A partir desse momento, apesar de ser uma "coisa" quase microscópica, passei a ter tratamento VIP. A consulta ao médico obstetra, para ver se tudo estava bem comigo, não se fez esperar. Logo na primeira consulta, a pensar em mim, o obstetra recomenda uma enorme lista de análises. Ainda que não tivesse ouvido bem a conversa entre o obstetra e a minha mãe, consegui apanhar o nome de três ou quatro análises que obrigatoriamente ela deveria fazer, não só no início mas também no meio e no fim da gravidez. Lembro-me da serologia para a Rubéola, para a Toxoplasmose, para a Sífilis, para a Hepatite e para a SIDA, doenças que, a verificarem-se ao longo da minha gestação, me poderiam causar imensos problemas.

Relativamente à análise sobre a SIDA, não foi sem alguma dificuldade que o obstetra tentou justificar o seu pedido. Afinal de contas, a minha mãe é uma senhora conceituada na sociedade madeirense e não é fácil, nestas circunstâncias, pedir este tipo de análise. Contudo, apercebendo-se da hesitação do obstetra, a minha mãe logo disse: Sr. Dr., pelo que tenho ouvido falar e lido, o despiste da SIDA faz parte das análises de rotina da grávida, por isso não vejo qualquer razão para não a fazer e ainda bem que me pede essa análise,

porque eu sei por que caminhos ando, mas não ponho as mãos no fogo pelo meu marido, e o que está em jogo é o meu filho.

A minha mãe, que até aí fumava uns 15 cigarros por dia, para surpresa de todos, deixou de o fazer, porque o tabaco poderia prejudicar o meu desenvolvimento, o mesmo acontecendo com o álcool, apesar de só ocasionalmente tomar uma ou outra cerveja. O meu pai, um fumador inveterado, apesar de manter o ritmo de consumo de um maço e meio por dia, deixou de fumar quando estava próximo da minha mãe.

Por volta dos 3 ou 4 meses, passei o maior desgosto da minha vida. Então não é que estando a repousar descansadamente no útero da minha mãe, vejo aproximar-se de mim uma enorme agulha. A minha primeira reacção foi fugir, mas logo me recordei da conversa que o obstetra tinha tido com a minha mãe uns dias antes. Esta cena da agulha tratava-se afinal de uma amniocentese.

Na realidade, este exame feito sobre controlo ecográfico tem poucos riscos e é importante que seja feito a todas as grávidas com 35 ou mais anos, a fim de despistar algumas doenças nos fetos e que nestas idades são mais frequentes.

Tudo correu bem. Apesar dos 38 anos da minha mãe, no líquido amniótico não foram detectadas quaisquer anomalias, o que foi um alívio para todos.

Ah! Já me esquecia que ao longo de toda a minha gestação me tiraram várias "fotografias", a que os entendidos chamam ecografias, com o objectivo de ver se tinha malformações ou se estava a crescer bem. Contudo, desde a primeira, apercebi-me que aquilo que parecia mais importante para as pessoas não era saber se eu estava bem, se tinha ou não defeitos, mas sim o meu sexo. Por esse facto, maroto como sou, fiz-lhes a vida negra. Sempre que me apercebia que estava a ser "fotografado", escondia o meu pénis e só quase no fim da gravidez é que, por descuido meu, acabaram por o ver. Nem imaginam a festa que fizeram!

Afinal de contas, tudo estava a correr bem: uma gravidez sem problemas e, tal como toda a família queria, iriam ter um homem.

Ainda que o meu nascimento estivesse só previsto para o dia 10 de Janeiro de 2002, em meados de Dezembro, apercebi-me da excitação lá em casa e tanto na televisão como nas conversas entre os meus pais e a minha irmã não se falava noutra coisa senão no Natal e no nascimento de outro menino e comecei a ficar ciumento. O que não era para

menos, pois se esse tal menino nascesse corria o risco de ter de partilhar com ele toda a atenção que os meus pais me vinham dedicando.

Por isso, cheio de ciúmes, decidi sair da caixinha onde fui colocado e onde, ao longo de quase nove meses, cresci. Como não tivesse encontrado porta de saída desatei aos socos e pontapés nas suas paredes. Fi-lo com tanta força e insistência que acabei mesmo por abrir um buraco, por onde introduzi a cabeça. Esta minha asneira haveria de causar imensas dores à minha mãe e levá-la até à maternidade do CHF.

Depois de observada, fiquei a saber que a minha revolta e o meu esforço não tinham sido em vão, iria mesmo nascer, tal como o outro menino, no dia 25 de Dezembro.

Tudo estava a correr bem até que me apercebi que tinha uma corda ao pescoço. Nem imaginam a aflição que senti. Não só fiquei com a sensação de que iria morrer afogado como senti que, lá fora, obstetra e enfermeiras começavam a ficar preocupadas, porque o meu coração começava a falhar.

Contudo, felizmente, tudo não passou de um pesadelo e acabei por nascer, com o cordão umbilical ao pescoço, mas a gritar de alegria, alegria que passado pouco tempo se transformou em tristeza. Então não é que, logo que nasci, me enfiaram um tubo de aspiração pela boca dentro, o que me magoou imenso. Bem sei que foi para me aspirarem secreções que tinha na garganta, mas magoou mesmo. Depois, não satisfeitos, vestiram-me um fato amarelo, cor que detesto, mas que não tive outra alternativa senão aceitar. Diz o povo que, para se ter sorte, a primeira roupa deverá ser amarela. Ainda que não acredite nisso, a verdade é que contra factos não há argumentos e, como toda a gente, não me pareceu boa ideia recusar.

Não satisfeitos ainda, alguém sugeriu que, como tinha nascido com o cordão ao pescoço, me deveria chamar José, porque se não fosse correria o risco de morrer afogado. E lá me enfiaram o nome de José.

Como se isto não bastasse, não é que, por ter nascido no dia 25 de Dezembro um outro azar me bateu à porta.

Imaginem vocês que enquanto a maior parte das crianças recebe presentes por ocasião dos anos e do Natal, eu, por estas datas serem coincidentes, só recebo um. ■

(Continua no 1.º sábado de Abril)

* Médico Pediatra